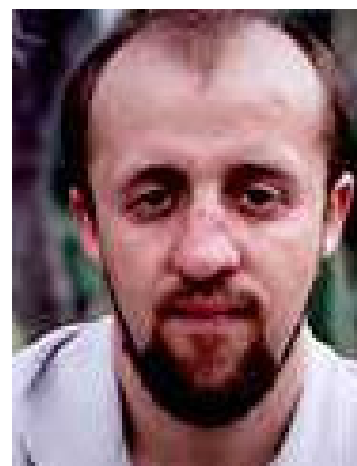


Poema inédito:

Fabrício Carpinejar lançará novo livro

Fabrício Carpinejar é poeta, jornalista e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Filho dos poetas Carlos Nejar e Maria Carpi, atualmente trabalha na Assessoria de Imprensa da UNISINOS. Fabrício nasceu em Caxias do Sul (RS), Brasil, aos 23 de outubro de 1972. É autor dos livros *As Solas do Sol* (Brasil: Bertrand, 1998), *Um Terno de Pássaros ao Sul* (Escrituras Editora, 2000), objeto de referência nos *The Book of the Year* 2001/2002 da Encyclopaedia Britannica, e *Terceira Sede* (Escrituras, 2001). *Novíssimo Testamento*, que publicamos a seguir, faz parte do livro inédito *Biografia de uma Árvore*, que será editado até o mês de agosto. *O texto foi publicado na revista Cult Nº 58, Ano 5, pág. 30-31.*



NOVÍSSIMO TESTAMENTO FABRÍCIO CARPINEJAR

Legendar a conversa dos pássaros ao amanhecer,
esticar o arame do violino,
restaurar o som dos peixes com o veludo dos pés,
acolher o elogio dos defeitos,
prender em gaiolas os livros de leitura avoadas,
trocar mensalmente a terra do rosto,
agradecer a quem te cumprimenta por engano,
empregar as ervas como escolta das flores,
desaparecer na visibilidade,
interromper a sesta do vento,
repor as telhas do fogo,
esperar o porão subir com os frutos,

conhecer-te na medida em que me ignoro,
repetir os erros para decorar os caminhos,
ressuscitar a brasa das cinzas,
saber uma chama de ouvido,
afiar a faca na compra para que seja leal na despedida,
levantar atrasado, com a solidão ao lado,
distanciar o desespero e alegrá-lo com a saudade,
reverenciar o muro que nos permite imaginar
uma vida diferente da nossa,
escolher as melhores maçãs pelo assédio dos insetos,
assobiar estrelas entre os telhados,
partir os cabides ao arrumar as malas,
pensar baixo para não ser escutado,
avisar das falhas na calçada,
seguir quem está perdido,
gritar nos ouvidos da claridade até surgirem relâmpagos,
estreitar as vigas da face com a rede do riso,
tragar o vapor do inverno na véspera de ser vidro,
ter a infância assistida pelas parreiras,
ser a primeira roupa do teu dia,
nascer póstumo,
identificar o corredor do hospital nos arbustos podados;
correr na contramão do rio,
desafiar as cigarras, desafinando mais alto,
transpor a aparência do inferno,
converter o ódio em curiosidade do amor,
acelerar o passo para a névoa não encurtar o dia,
arrancar do fruto o que voava do coração parado da ave,
revezar com o pessegueiro a guarda da porta,
jejuar para doar o sangue,
enredar teus joelhos como forquilhas da fogueira,
enervar a vela com um lance de olhos,
cobrir com jornais a pedra fria,
buscar um confidente fora da consciência,
barbear a insônia com a lâmina dos seios,
descobrir o irmão mais velho no silêncio do caçula,
obedecer à intuição das dúvidas,
abandonar teu corpo antes da luz depor o peso,
morar no clarão exilado,
respeitar o mar quando está rezando,
curvar-se no violão como uma violeta cansada,
compensar a forte dose da fala com os gestos,
imitar a elegância de objetos esquecidos,
espantar o pó com a lâmpada dos dedos,
desfrutar do feriado das tranças,
deixar a música se inventar sozinha,
desperdiçar o fôlego fingindo trabalhar,



Ilustração: Beto

ouvir o sol da noite,
segurar no braço da cerração para atravessar a rua,
procurar minha voz em outros autores,
retribuir o aceno das sobrancelhas,
presenciar da janela a palestra da chuva,
espreguiçar a camisa dormida de espuma,
eleger tristezas para concorrer com as tuas,
puxar a cadeira na saída
(e observar tuas pernas roçando a toalha da mesa),
engolir de volta as palavras que te agrediram,
cortar a artéria de um beco e sangrar a saída,
medir a altura do poço com uma moeda,
entender que meus livros são parecidos comigo
(demoram a fazer amigos),
verificar o pulso da madeira,
desconfiar das superstições confiando nelas,
achar no pesadelo um quarto para dormir,
conservar a imagem da casa quando criança,
arder como um musgo na soleira da porta,
descer o fecho do vestido e vestir o quarto,
caminhar com a sandália de teus lábios,
ajustar o cavalo na cintura da estrada,
rebobinar o pulmão com a asma,
morrer tentando não morrer,
golpear o tambor com a força dos pés,
compreender sem concordar,
combinar encontros e desencontrar-se consigo no meio do trajeto,
desistir de compor o diário porque não existe segredo quando escrito,
anotar na agenda as reuniões que não quero ir,
apiedar-se da vocação fúnebre do guarda-chuva,
falir na memória preservando a imaginação,
acautelar-se das paredes velhas, o cimento armado,
carregar o sobretudo como uma garrafa vazia,
comemorar o que desconhecemos um do outro.

Entrevista com o autor

IHU On-Line- Qual é a característica mais destacada de tua literatura e de Biografia de uma Árvore ?

Fabrizio Carpinejar- Na poesia, eu tenho uma linha narrativa. Todos os meus livros carregam um enredo poético. As pessoas têm uma idéia de poesia como versos aleatórios, mas a poesia é uma visão de mundo. É tão atraente quanto o romance. Os poemas são conversas, têm a musicalidade da fala. Neste livro, projeto a visão de uma árvore para compreender o quanto é necessário transformar os limites e as limitações. Parte de que o homem não é capaz de se entender como homem, precisa sair de si para se entender.

IHU On-Line- Qual é a trama deste último livro?

Fabrizio Carpinejar- Um homem, considerado louco, entrega um livro, que é a orelha de uma árvore que guarda a voz de Deus, a seu médico. São nove contos que mostram uma briga com Deus. Há uma seqüência nos meus livros. No primeiro, há uma briga com a morte; no segundo, com o pai; no terceiro, com a velhice; no quarto, com Deus.

IHU On-Line- Como vê a linguagem poética em tempos tão globalizados e padronizados como os atuais?

Fabrizio Carpinejar- Hoje a poesia é o dialeto que não é contaminado pela globalização. É uma linguagem pura. Os movimentos de esquerda tiveram importantes poetas, porque a poesia renova a linguagem. É um laboratório coletivo. Não podemos combater a globalização usando a mesma nomenclatura, códigos e signos. Linguagem de dominados. A poesia entra como um vírus. É viva, móvel, facilita a comunicação. A linguagem está muito vinculada ao mercado.

IHU On-Line- Por que o nome de *Novíssimo Testamento*?

Fabrizio Carpinejar- Nessa briga da personagem com Deus, ela o demite. Demite Deus de sua funcionalidade, dessa dependência esquizofrênica que leva a uma fé passiva. O interessante é que o demite de sua funcionalidade. Eu acho que sou o primeiro poeta a demitir Deus. Muitos podem entender que é ateísmo, mas não é. *Novíssimo Testamento* seria, além de parafrasear o novo testamento, o próprio testamento da personagem. Seu testamento traz tudo aquilo que ela acha que deve ser feito, uma vez que Deus foi demitido.

IHU On-Line- O livro é uma crítica religiosa e/ou uma crítica ao mercado?

Fabrizio Carpinejar- É uma crítica a uma imagem de Deus e ao mercado, porque eu acredito que o mercado substituiu Deus, e essa é a maior servidão. Também é uma analogia à história da arte. Começa fazendo uma alusão discreta a Van Goh (pela orelha) a Arthur Bispo de Rosário, artista contemporâneo que passou muito tempo em um manicômio e bordava o manto do juízo final com nomes que ele acreditava que iam para o paraíso.

IHU On-Line- Qual seria o modelo religioso criticado?

Fabrizio Carpinejar- Religiões que assumem uma mídia extensiva e repassam uma produção ideológica. Isso é uma estagnação de Deus e do humano. Então precisamos voltar a ser árvores. Perdemos a ousadia de ser o outro. Estamos mais preocupados com o que o outro possa pensar de nós, ou seja, estamos preocupados conosco. Estamos preocupados com o outro que tu és no outro. Vivemos em direção defensiva.

IHU On-line- Como é o processo para chegar à criação poética?

Fabrizio Carpinejar- Não acredito na inspiração. Se me dão duas horas para escrever uma poesia, eu escrevo. É um exercício. Eu desconfio do meu talento natural. Eu tenho que desaprender a escrever. O poema perfeito seria impossível, fechado, incompreensível. Um poema aberto é um poema para uma exigência comunicativa. Devo verbalizar, por isso digo que estou aprendendo a *desescrever*. Tem algo a ver com a ignorância. Ignorância é aquilo que me permite escutar. Buscar frases de apoio para fortalecer as iluminações do texto. Isso é aceitar uma derrota, e isso é uma vitória.

IHU On-Line- Para quem escreves?

Fabrizio Carpinejar- Escrevo para quem lê sofisticadamente e para quem não lê sofisticadamente. Não me rebaixo, mas aceito derrotas.

IHU On-Line- Quais as repercussões que teus livros têm?

Fabrizio Carpinejar- Muitos jovens desmitificam a poesia que é vista como gênero morto, de sábios, de adultos. Todo adolescente começa a escrever pela poesia, mas não é encaminhado nas escolas. É como se o estudante que é canhoto, seja obrigado a escrever com a mão direita. E como vai ler poesia se não é legitimada? A melhor forma de enraizar um idioma é pela produção poética. Tento humanizar a figura do poeta. Tirar sua forma mítica, de alguém especial, ungido da inspiração. Muitas vezes, confundem poesia com cartas de amor, com catarse. Há uma fratura no ensino da poesia.

ACONTECE

Rio+10: rumo a Johannesburgo

Dois eventos na Unisinos

No dia 1º de agosto, abrindo a programação do *IHU Idéias* do 2º semestre 2002, Aldem Bourscheit apresentará o tema **O impasse globalizado: a Rio+10 em Johannesburgo**. O *IHU Idéias*, inicia às 17h30min e termina às 19h, na sala 1C103.

No dia 8 de agosto, o painel **Rio+10: Um debate em memória de José Lutzenberger**. Serão painelistas: **Jacques Saldanha**, Advogado, Agrônomo e Educador Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Porto Alegre, **Magda Renner**, Graduada em Línguas Anglo-Germânicas e Didática (UFRGS) e Membro do Núcleo dos Amigos da Terra, **Roberto Villar Belmonte**, Jornalista e Assessor de Comunicação do Programa Pró-Guaíba, Prof. Ms. **João F. Larocca e Silva**, Biólogo e professor do Centro 2. A Coordenação do painel será feita pelo Prof. Dr. **Inácio Neutzling**, Coordenador do Instituto Humanitas Unisinos. **Local:** Auditório Central. **Hora:** 20h às 22h. **Evento gratuito.**

A seguir *IHU On-Line* publica uma entrevista com Aldem Bourscheit que fala sobre diferentes aspectos da Rio+10 brasileira e dos preparativos para Johannesburgo. Aldem é jornalista formado na UNISINOS, membro do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS) e assessor de Imprensa da Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente (ABEMA). Representou a Abema nos três dias do Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Sustentável - a Rio + 10 brasileira, de 24 a 26 de junho.

IHU On-Line- Qual a tua impressão da preparação da preparação Rio+10 brasileira?
Aldem Bourscheit- Na verdade, o evento do Rio foi fraco em termos políticos. Não houve documento final. Apenas a decisão de se enviar um convite formal aos países ricos, para que participem da Cúpula de Joanesburgo. A cobertura de imprensa foi fraquíssima, apesar do grande número de figurões internacionais. Eu e muitos outros esperávamos do encontro uma proposta brasileira para Rio+10, com a expectativa de que Brasil tenha certa liderança. Nosso País tem muita força pela quantidade de recursos naturais que tem. Esperamos que até a conferência ocorra uma grande virada.

IHU On-Line- Na última preparatória para Rio+10, na Indonésia, os Estados Unidos e a União Européia não concordaram com a proposta de financiarem os meios de implementação das metas estabelecidas. Há alguma esperança de negociação ainda?

Aldem Bourscheit- Em Bali, não havia concordância por parte dos EUA, parte da União Européia, e também por parte do G-77. Há controvérsias em todos os níveis, envolvendo um grande número de atores. Esperança de negociação e acordo sempre existe. Especificamente no caso do Protocolo de Quioto, se espera que Rússia e Polônia o assinem em breve. Assim, mesmo sem a presença dos EUA, será possível aprová-lo. Vale lembrar duas coisas: os EUA são os maiores poluidores do globo; e o Protocolo de Quioto precisa ser ratificado por 55 países que respondam por, pelo menos, 55% das emissões mundiais de carbono.

IHU On-Line- Que modificações percebes no cenário ambiental atual em referência a Rio 92?

AB- Desde a Rio92, houve avanços e retrocessos em todos os países. Como pontos positivos, podemos citar a ampliação da temática ambiental no planeta, a criação de várias entidades ambientalistas, de muitas novas áreas de proteção ambiental, a recuperação das florestas no Rio Grande do Sul, e, em contrapartida, os EUA elevaram suas emissões em 18%, muitos acordos foram assinados, mas não implementados, a temperatura da Terra está subindo, de forma cientificamente comprovada. O cenário não é muito esperançoso, porque, depois dos atentados do 11 de setembro, a vigilância, o combate ao terrorismo, a indústria bélica, que é muito lucrativa, sombreou outras questões muito importantes como a questão ambiental.

IHU On-Line- Segundo o secretário-geral da ONU, em discussões sobre finanças e economia, o ambiente ainda é tratado como um 'intruso', e pede planos contra pobreza e pró-ambiente na Rio+10. Até que ponto a influência da ONU conseguirá estes objetivos ou ela ainda poderia influenciar mais e de outras formas?

AB- A própria "força" da ONU estará em cheque na Rio+10. Alguns segmentos chegam a citar esta como a última grande conferência da ONU. Não dá para saber agora. O que é certo é o fato de que entidades como OMC e FMI têm tido muito mais força na condução das políticas globais do que órgãos da ONU, como PNUMA, PNUD etc.

IHU On-Line- Em relação à América Latina, quais os aspectos de consenso entre os diversos países?

AB- O que existe de consenso, e acho isso fundamental, é que se deve encarar as questões ambientais de forma global, junto com pobreza, globalização, comércio internacional, etc. Além disso, existe a concordância da necessidade de um maior repasse de verbas por parte dos países ricos às nações em desenvolvimento, o chamado GEF (Global Environment Fund). Essa verba serviria para que os países pobres "pulassem" uma etapa do desenvolvimento, partindo já para uma matriz limpa e renovável.

IHU On-Line- Qual é a tendência dos países da África em relação a suas reivindicações para Rio+10?

AB- O que se sabe é que muitas nações africanas querem centralizar as discussões no próprio continente, especialmente no combate à pobreza, que afeta aquelas nações e, sem dúvida, contribui para a degradação ambiental. No entanto, creio que isso pode ser complicado. As questões ambientais precisam ser vistas de forma holística, abrangente e sistêmica.

IHU On-Line- E o Oriente Médio?

AB- Posição fechada pela manutenção da matriz fóssil (petróleo, carvão) e não querem nem facilitar (verbas) para desenvolvimento de outros tipos de energia em países em desenvolvimento.

IHU On-Line-. Que características ambientais destacarias do atual Brasil?

AB- Bem, o Brasil tem quase que a totalidade de sua energia gerada por hidroeletricidade (barragens). Tem impacto ambiental e algum efeito atmosférico, mas a matriz é considerada renovável e limpa. O Brasil responde por menos de 0,5% da poluição mundial. Isso não nos dá o direito de poluir mais; traz, sim, a responsabilidade de não cometer os mesmos erros de um modelo de desenvolvimento predador e poluidor e desenvolver uma sociedade harmônica com seu meio.

IHU On-Line- Quem levou com maior seriedade, no Brasil, o compromisso assumido na Rio92, a sociedade ou as instituições, ou ambas?

AB-O compromisso assumido na Rio92 é de todos. Lá surgiu um importante conceito, o da “responsabilidade comum, mas diferenciada”. Todos somos responsáveis, mas em diferentes graus. A sociedade tem respondido, se organizando e cobrado dos governos a implementação dos acordos multilaterais firmados na Rio92 e depois. No entanto, dependemos dos políticos e das políticas para essa implementação. A situação atual fala por si mesmo.

IHU On-Line- O Brasil defende que a miséria não é a questão principal do mundo no ponto de vista do meio ambiente, mas sim o consumo predatório dos países desenvolvidos. Poderia resultar esta idéia em mudanças econômicas?

AB- Espero que resulte em mudanças econômicas e também de modelo de desenvolvimento. A miséria, de forma isolada, sem dúvida, não é o maior problema ambiental, apesar de contribuir para tanto e dificultar a implementação de políticas mais amigáveis do ponto de vista ambiental. Creio que o foco econômico hoje é que está equivocado. Economia deve ser um meio, e não um fim.

IHU On-Line- Qual é o papel da Abema na preparação de Rio+10?

AB- A Abema espera fazer parte da delegação oficial brasileira que irá à Rio+10, e faz parte da Comissão Interministerial que está preparando a participação do país em Joanesburgo. A principal contribuição da entidade, como agregadora de órgãos ambientais em âmbito estadual, é nas questões de governança e implementação de acordos. Isso se explica melhor, quando vemos um grande número de acordos multilaterais assinados pelo Brasil que precisam ser aplicados no território. Essa implementação se dá por parte dos Estados. Eles precisam participar das decisões e das discussões, pois têm muito a contribuir.

IHU On-Line- E qual a função do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS)?

AB- O Núcleo tem o papel de reunir profissionais que reconhecem nossa situação de crise e estão dispostos a trabalhar, dentro dos limites do jornalismo, para um futuro melhor. Promovemos eventos, como o Terça Ecológica, que procura discutir, numa maior profundidade do que a oferecida pelos veículos de comunicação, as questões ambientais de nosso tempo. Participavam do NEJ, até bem pouco tempo, apenas profissionais formados. Agora, começam a atuar também estudantes de terceiro grau.

O bem comum para uma sociedade livre

Michael Brie, presidente da Fundação Rosa Luxemburgo, com sede em Berlim, na Alemanha, esteve na UNISINOS por ocasião do *Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade*, de 25 a 27 de junho. O prof. Brie foi um dos conferencistas do Simpósio, abordando o assunto *O bem comum como base para uma sociedade livre*. Sobre esse assunto *IHU On-Line* falou com o conferencista.

***IHU On-Line-* Qual o primeiro passo para aplicar o Bem Comum e, portanto, chegar a uma sociedade livre?**

Michael Brie- Questionar o atual neoliberalismo, que faz os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Existem problemas teóricos muito complicados. Eu chamo a atenção sobre o paradoxo de Thomas Hobbes. Ele vivenciou a guerra civil inglesa e chegou à convicção de que faz parte da natureza humana o fato de se matarem uns aos outros. Para ele, só um estado poderoso teria condições de impedir a morte e garantir a propriedade privada, porque as pessoas têm a tendência a declarar "isto é meu". Mas, eu vejo que, antes de haver estado forte, existiam sociedades e elas resolviam os problemas com a primeira pessoa do plural: *nós*, ou seja, propriedade comum.

***IHU On-Line-* Até onde a propriedade comum e até onde a propriedade privada?**

Michael Brie- Para explicar isso, eu gosto de tomar a história de Robinson Crusoe, compatriota de vocês, que quis ir para a África e pegar escravos para trabalhar na roça dele. Ele pegou Sexta-feira. Os dois vão para uma propriedade que pode ser comum ou privada. Tento mostrar que, nessa relação de ambos, pode haver quatro tipos de propriedades, para quatro tipos de bens. Há os bens públicos, dos quais é difícil excluir as pessoas, como o conhecimento. Esse bem não se esgota, ao contrário, cresce à medida que é partilhado. Há os bens associados, dos quais é fácil excluir os outros. Por exemplo, se alguém faz uma represa para assegurar a água, ela se esgota à medida que é partilhada. Há os bens comunitários, como a água, por exemplo. Desses bens, ninguém pode excluir o outro, mas não tem acesso ilimitado. Por último, estão os bens privados. Desses bens, é necessário excluir, porque é prejudicial para eles.

***IHU On-Line-* Que forma de propriedade é aplicável a cada tipo de bem?**

Michael Brie- Na propriedade pública, o acesso a todos é proveitoso, e a exclusão infringe direitos fundamentais. Exemplo disso é o conhecimento. Na propriedade comum, o acesso precisa ser restrito. Na propriedade individual, que garante os direitos fundamentais, o uso comum reduz seu valor. A moradia é um exemplo disso. A propriedade associada está disponível individualmente, mas o uso comum aumenta o valor. Exemplo disso é um agricultor que adquire um trator, que pode ser usado associado com outros. Esta decisão, se é individual ou comum, não deve ser tomada pelo governo nem por organizações internacionais. Há que buscar sempre ser iguais na liberdade e livres na igualdade.

IHU On-Line- Qual é o trabalho do Instituto Rosa Luxemburgo?

Michael Brie- O Instituto Rosa Luxemburgo está perto do Partido do Socialismo Democrático, herança da República Democrática Alemã. É um chamado partido pós-comunista, sob o patronato de "Santa" Rosa Luxemburgo. Ela está observando nosso pensamento. Rosa fundou o Partido Comunista Alemão. Ela quis um socialismo democrático e fez uma crítica muito forte em relação ao comunismo.

Frases: *A liberdade sempre é liberdade de outro pensamento. Ninguém pode ser livre, quando os outros podem ser livres.* Ela não pensava que, se um é livre, o outro não o toca. É uma liberdade baseada na democracia.

IHU On-Line- Que parcerias o Instituto tem com países da América Latina?

Michael Brie- A Associação RL tem um trabalho bastante amplo. No momento, tem parcerias com mais de 20 países da América Latina, apoiando projetos emancipativos. No Brasil, há três projetos em parceria. Em Porto Alegre, com a UERGS, temos uma pesquisa em conjunto sobre educação e orçamento participativo. Há dois projetos em São Paulo sobre agentes de desenvolvimento solidário e outro no Espírito Santo e Pernambuco sobre indicadores sociais.

Religiões

No dia 18 de julho, aconteceu mais um encontro do *Grupo permanente de estudos e reflexões com lideranças e representantes religiosos locais*, do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDIREC), do Setor 3, do Instituto Humanitas Unisinos. Desta vez, a Sac. Aguida Guiomar Pires e o Cacique Eloy Saldanha, ambos responsáveis pelo *Centro de Umbanda Preta Velha Zimbanda do Congo*, de São Leopoldo, abordaram o tema *Os fundamentos da Umbanda: uma religião brasileira*.

Rio+10

Ambiente e desenvolvimento, o desafio do século XXI

Publicamos, a seguir, uma síntese do dossiê da revista Alternatives Économiques sobre a Rio +10

“No dia 26 de agosto, abrir-se-á, em Johannesburgo, a segunda Cúpula da Terra. Conseguir-se-á evitar o fracasso, depois que as esperanças nascidas da ECO – 92, no Rio, em grande parte fracassaram? Mais do que nunca, é necessário modificar os modos de desenvolvimento, tanto no Norte quanto no Sul, se queremos que a humanidade saia da pobreza e preserve a sobrevivência das gerações futuras”. Esta é a introdução do dossiê publicado pela revista mensal francesa *Alternatives Économiques*, nº 205, juillet-août 2002, p. 34-45.

Segundo o dossiê, as boas resoluções e recomendações, mais de 2.500, da Eco-92, formuladas na assim chamada Agenda 21, não impediram que o ambiente deixasse de ser degradado. E no que diz respeito à pobreza e à saúde, o balanço é decepcionante. Uma das principais preocupações, segundo o dossiê, é o aquecimento climático, devido à concentração de dióxido de carbono – CO₂, que aumentou em 30%, desde a era pré-industrial. Outra preocupação: a preservação da diversidade biológica, isto é, das dezenas de milhões de espécies vivas e do seu ambiente. Mais de onze mil espécies estão ameaçadas de extinção. Outra preocupação: a intensificação do uso da irrigação. A agricultura representa hoje 70% do volume de água consumida. O problema é que as fontes de água doce não são infinitas.

Se o ambiente continua a ser degradado, desde a Eco-92, a pobreza, igualmente, não recuou. A proporção de pessoas que subsistem com menos de um dólar por dia, caiu de 29%, em 1990, para 23%, em 1998. Mas o número total de pessoas que vivem abaixo do nível de pobreza, baixou somente de 1 bilhão e 300 milhões para 1 bilhão e 200 milhões de pessoas. Um terço dos africanos é subalimentado. Oitocentos e quinze milhões de pessoas, no mundo, são mal nutridos. Um bilhão e 100 milhões de pessoas não têm acesso à água potável.

Citando inúmeros dados, a revista registra que os países ricos, com somente 20% da população mundial, produzem e consomem 85% dos produtos químicos sintéticos, 80% da energia comercial, 40% da água doce. As emissões de gás, per capita, dos países ricos são dez vezes mais altas que a dos países pobres

Para o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, **há cinco grandes desafios a serem enfrentados pela Cúpula de Johannesburgo:**

- 1.- Água** – sem medidas rápidas e decisivas tomadas entre hoje e 2025, dois terços da população mundial viverão em países que não têm acesso à água potável.
 - 2.- Energia** – condição indispensável para o desenvolvimento e, no entanto, 2 bilhões de pessoas no mundo estão privados dela.
 - 3.- Produtividade agrícola** – dois terços das terras agrícolas no mundo sofrerão os efeitos da degradação dos solos.
 - 4.- Biodiversidade e a gestão dos ecossistemas** - a metade das florestas equatoriais estão desaparecendo e cerca de 75% das reservas marítimas de peixes estão esgotados.
 - 5.- Saúde** - a degradação do ambiente e a utilização de produtos tóxicos são responsáveis, anualmente, por dezenas de milhares de mortos.
- Segundo K. Annan, nestes cinco campos, "os resultados concretos são essenciais e realizáveis". Joahannesburgo não tem o direito de fracassar.

Desenvolvimento durável – o que é?

O conceito, muito discutível, busca aliar um processo de desenvolvimento que concilia o ambiente, o econômico e o social. Foi a Conferência das Nações Unidas sobre o ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972, que marcou o ponto de partida desta reflexão. Mas foi o relatório Bruntland, em 1987, que tornou conhecida a expressão "desenvolvimento durável". Ele se define como "um desenvolvimento que responde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responder aos seus". Este desenvolvimento repousa sobre vários princípios:

- princípio da solidariedade com as gerações futuras e com as populações do planeta;
- princípio da precaução, que privilegia uma atitude preventiva mais do que reparadora;
- princípio da participação de todos os atores da sociedade civil no processo de decisão.

Pedagogia Inaciana

Os integrantes do Grupo Temático Pedagogia Inaciana preparam-se para participar do III Congresso Inaciano, de 28 a 31 de julho, em Itaici, São Paulo, com o tema: *Educação e mudança social: por uma pedagogia da esperança*. Reunidos às quintas-feiras, das 14h às 16h, com professores dos seis centros da Universidade, representantes do IHU, da Pastoral e do Núcleo de Apoio Pedagógico têm estudado e discutido documentos e artigos sobre Pedagogia Inaciana. Você também pode atualizar-se junto com o grupo. Visite o Site

<http://www.educacaoinaciana.com.br> entre em Preparação e esteja conosco.

Livros & Artigos

Livro da Semana

ALIANZA Y CONTRATO. POLÍTICA, ÉTICA Y RELIGIÓN

CORTINA, Adela. *Alianza y contrato. Política, ética y religión*. Madrid: Trotta, 2001, 184p.

Adela Cortina, filósofa espanhola, é professora de Ética e Filosofia Política na Universidade de Valência, Espanha. Entre muitos livros escritos, citamos os seguintes: *Ética sin Moral*. 2.ed. Madrid: Tecnos, 1992; *Ética Mínima. Introducción a la Filosofía Práctica*. 2.ed. Madrid: Tecnos, 1989; *Ética civil e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996. Traduzimos, e publicamos a seguir, na íntegra, a resenha do último livro dela, publicada no jornal espanhol **El País**, 6 de julho de 2002.

IMPULSOS PARA A CONVIVÊNCIA

Adela Cortina fundamenta a sua tese sobre as formas de estruturar a convivência humana na diferença entre aliança e contrato presente na política, na ética e na religião. Uma análise onde aparece a moral, a lealdade, o temor, a obrigação ou os direitos humanos.

Assinalava graficamente B Russell que, quando subia num avião, ele se interessava mais pela ética do piloto do que por sua religião. Provavelmente, se o genial filósofo inglês tivesse testemunhado os acontecimentos dos últimos meses, certamente se teria interessado igualmente pela religião dos pilotos e inclusive pelas crenças religiosas dos seus companheiros de vôo. Russell partia do caráter opcional da religião frente à obrigatoriedade da ética. Constatava, por exemplo, que, em suas viagens, ninguém lhe obrigara a adotar a religião dos diversos países que visitara. Mas, em nenhum desses lugares ele fora eximido da observância moral. Ninguém lhe perguntara por seu credo religioso, mas sempre lhe foi deixado claro que não lhe era permitido assassinar um semelhante.

A mensagem de Russell se foi impondo. De fato, há vários séculos que a cultura ocidental concluiu que, em vista do ambíguo e perigoso passado da religião, não se lhe podia encomendar o essencial, isto é, a organização da convivência humana. Para tal tarefa todos os olhares se voltaram para a ética e a política.

O livro de Adela Cortina, cheio de informação, rigor e clareza, se inclina sobre os três pilares mencionados. Na realidade, a parte do leão cabe à política na sua relação com a ética. Mas também a religião irrompe livremente no texto. A ela é dedicado o último capítulo, tão saboroso quanto pertinente. O cristianismo não pode limitar-se a recitar discursos alheios, por exemplo, da Unesco, sobre os direitos humanos, o racismo, a xenofobia ou as urgências do meio ambiente. Nem pode o especificamente cristão consistir em acrescentar a tal relato a conhecida virulência vaticana contra o aborto, os anticoncepcionais, a eutanásia ou a engenharia genética. Adela Cortina encomenda ao cristianismo tarefas mais nobres como a educação para o mistério, a recuperação da interioridade, a sensibilidade para o gratuito e, evidente, o seguimento da pessoa de Jesus.

Mas a tese, profunda e sugestiva, que preside todo o livro, é a distinção entre aliança e contrato como formas de estruturar a convivência humana. O contrato é o resultado da razão calculadora. Pactuamos o que nos interessa e porque nos urge. Somente, assim, se evita a fúria de todos contra todos. O fundamento do pacto é o temor. Assim o considerou Hobbes no seu *Leviatã*. Pactuamos para sobreviver, para manter tréguas efêmeras. A aliança, no entanto, tal como aparece nos escritos bíblicos, não nasce do medo, mas do reconhecimento mútuo. Ela é presidida por um fundo de confiança, de generosidade. Ela se inclina mais para a compaixão do que para o egoísmo. Ela se deixa impactar pelo rosto do outro (Levinas). O contrato, quando perde utilidade, somente se mantém pela força, pela coação; a aliança, pelo contrário, se mantém pela lealdade, obrigação, reciprocidade.

Adela Cortina deseja, com toda razão, que se sigam contando as duas histórias, a do contrato e a da aliança. Ambas são verdadeiras e complementares. O perigo viria do fato de uma sociedade se esquecer da palavra "aliança" e que passasse a confiar as bases da convivência unicamente do que advém dos pactos, do contrato ou de outros grupos de interesse. Invadir-se-nos-ia uma perigosa unilateralidade. Um livro altamente recomendável.

Entrevista da Semana

Gianni Vattimo, filósofo italiano, eurodeputado, concedeu uma entrevista ao jornal espanhol *El País*, no dia 5 de julho de 2002. O jornal intitulou a entrevista assim: *Defendo o caráter emancipador da filosofia*.

Gianni Vattimo nasceu em 1936, na cidade de Turim, e está profundamente ligado ao chamado *pensamento fraco*, uma corrente intelectual que surgiu na Itália, no começo dos anos 1980. Gianni Vattimo, já várias vezes citado no *IHU On-Line*, é autor de muitos livros. Citamos alguns: *La fine della modernità*. Ed. Garzanti, 1991 (traduzido para o português); *Espèrer Croire* (original italiano: *Credere di Credere*). Paris: Seuil, 1998 (traduzido para o português com o título *Acreditar em acreditar*. São Paulo: Relógio d'Água, 1999.); *A Tentação do Realismo*. Rio de Janeiro: Instituto Italiano di Cultura, 2001; *A Religião: Colóquio de Capri 1994* com Jacques Derrida e outros. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Traduzimos e publicamos, quase na íntegra, a entrevista concedida ao jornal *El País*.

***El País*: Acusou-se o pensamento fraco de aceitar o "vale tudo". O senhor não acha que esta filosofia facilitou o êxito de personagens como Berlusconi?**

Gianni Vattimo: O *pensamento fraco* surgiu no começo dos anos 1980 como uma reação aos excessos ideológicos que se desencadearam a partir de 1968 e que, na Itália, derivaram para o terrorismo e movimentos como as Brigadas Vermelhas. Contudo, é o único movimento que herdou o caráter emancipador daquelas ideologias. Atualmente, a filosofia tende exclusivamente a se ocupar com a descrição dos fatos. É uma espécie de manual de instruções destinado a operários que buscam respostas práticas. Não tem nenhum projeto. O chamado *pensamento fraco* sim, ele tem um projeto. Ante a perda de confiança no futuro, ele propõe trabalhar por uma sociedade onde se eliminem a violência e os autoritarismos.

***El País*: Não é propriamente um projeto fraco...**

Gianni Vattimo: O acento sobre a *fraqueza* quer sublinhar que nada tem a ver com formas *fortes* de pensamento: os nacionalismos, a xenofobia, o terrorismo. Ele surge como uma proposta frente aos fundamentalismos, seja de que tipo forem.

***El País*: A caducidade, o presente, a história. Essas são palavras que servem para definir a sua filosofia?**

Gianni Vattimo: Temos de contar inevitavelmente com Heidegger e com sua vontade de reduzir as pretensões excessivas das ideologias metafísicas. Trata-se de questionar essa espécie de ser eterno, essa espécie de estrutura imutável de que se servem tantas pessoas para tomarem as decisões. É aí que entra a caducidade: não existe nada imutável. O presente é, por outro lado, o lugar do imprevisível. E é, então, onde temos de levar em conta a história, que é uma coleção de caducidades que se sucedem numa espécie de continuidade. Uma continuidade, contudo, que nada tem a ver com a eternidade, mas que nos permite ter um marco de referência para tomar decisões, para eleger. Nem tudo é arbitrário, nos ensina a história. Existe uma certa lógica. Um mundo de referências desde onde cada um pode decidir o caminho que toma.

El País: O que mais lhe interessa em Nietzsche?

Gianni Vattimo: Considero que Nietzsche é, sobretudo, um grande historiador da civilização ocidental. Ele mostrou o seu caráter nihilista. E esse não é um termo negativo, simplesmente ele serve para mostrar que, finalmente, não há nenhuma referência última. “Não há fatos, somente interpretações”, escreveu Nietzsche. Isso, hoje, é uma banalidade, mas serviu para entender que não há verdades que estejam acima do seu contexto histórico. Não há objetividade remota que outorgue veracidade ao que sucede. Desse modo, Nietzsche sublinhou a idéia de interpretação. Isso significa que "tudo vale"? Não. Simplesmente revela que, dentro de um contexto histórico determinado, uma pluralidade de visões podem conviver. Cada fato concreto não se pode observar desde uma verdade absoluta que esteja acima e mais além do tempo. Cada fato se interpreta desde um marco histórico de referências. Assim, a objetividade se dissolve. A isso tenho chamado de *fraqueza*.

El País: Como se pode interpretar o interesse que o senhor tem mostrado ultimamente pelo cristianismo?

Gianni Vattimo: As obras de Nietzsche e de Heidegger somente têm sido possíveis, porque surgiram dentro da tradição cristã. A idéia de criação e de encarnação, a de Deus se fazendo homem, são idéias que desmentem que haja um ser estável e eterno fora do mundo. Não têm nada a ver com o ato puro de Aristóteles. Elas, pelo contrário, sublinham os conceitos como a caducidade. Tudo é frágil, instável, caduco. São Paulo falava de ‘kénosis’, a "humilhação de Deus", ao falar da encarnação. A idéia de que Deus teve de se humilhar nada tem a ver com um Deus poderoso e eterno, fora do tempo, imutável.

Artigos da Semana

POR ONDE PASSARÁ A UTOPIA? WASHINGTON NOVAES

“A recente divulgação de mais um estudo sobre a insustentabilidade dos atuais formatos globais de viver - o Relatório Planeta Vivo 2002, produzido pelo WWF - repõe a discussão sobre a urgência de colocar novas idéias e propostas na pauta de discussão. Embora com números menos contundentes que os do relatório similar de 2000 (publicado conjuntamente com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e abrangendo o consumo de alimentos, energia e recursos naturais), o novo documento assegura que, considerado o atual consumo de grãos, peixes e crustáceos, carne e derivados, água e energia, já estamos 20% além da capacidade planetária de suporte e reposição.

Para atender hoje às necessidades humanas estão sendo utilizados 13,7 bilhões de hectares, quando a disponibilidade de espaço produtivo de terra e de mar é de 11,4 bilhões de hectares. O uso médio por pessoa é hoje de 2,3 hectares, quando a disponibilidade sustentável estaria em 1,9 hectare por pessoa.

O Brasil está na média mundial, 2,38 hectares por habitante, mas acima da disponibilidade média global. A maioria da África e da Ásia está abaixo, com 1,4

hectare por pessoa, enquanto nos Estados Unidos essa média é de 9,6 hectares e na Europa Ocidental, de 5 hectares por pessoa. Dentro de cada país em desenvolvimento, certamente será possível identificar camadas minoritárias da população muito acima da média de uso e consumo, como haverá camadas majoritárias abaixo, de acordo com os níveis de distribuição da renda. Da mesma forma, globalmente, a população dos países industrializados, que representa 19% da população total do mundo, responderá por bem mais da metade do consumo total (as estatísticas a esse respeito variam).

A partir daí, vários estudiosos traçam hipóteses e concordam em que, se todos os terráqueos consumirem como norte-americanos ou europeus, seriam necessários os recursos de mais dois (ou três) planetas - como já se comentou neste espaço. É oportuno lembrar ainda que, pelos exercícios mais otimistas, a população planetária passará dos atuais 6 bilhões e pouco de pessoas para pelo menos 8,5 bilhões até 2050.

Não se trata de alarmas neomalthusianos. São exercícios simples de aritmética, que sugerem hipóteses e perguntas: Vai-se perpetuar o atual nível de desigualdade em que, segundo os relatórios do desenvolvimento humano da ONU, apenas três pessoas, juntas, têm ativos equivalentes ao produto bruto anual dos 48 países mais pobres, onde vivem 600 milhões de pessoas? Será possível manter a situação em que pouco mais de 200 pessoas, com ativos superiores a US\$ 1 bilhão cada, tenham o equivalente à renda anual de 45% de toda a humanidade (mais de 2,7 bilhões de pessoas)? Que conseqüências políticas e sociais advirão? Se a hipótese for de redistribuição da renda, mas sem alterar os padrões de consumo atuais, aumentando os níveis dos que estão hoje na linha da pobreza ou abaixo, que conseqüências terá isso na biosfera?

Uma terceira hipótese óbvia apontará, então, para a imprescindibilidade de implantar, ao lado de novos padrões de justiça social (ou até sem eles, pois os limites da biosfera já estão ultrapassados), novos formatos de produção e consumo, capazes de situá-los em níveis compatíveis com a capacidade planetária de reposição. Essa utopia - qualquer que seja a abrangência humana - evidentemente está ainda muito longe de ser sequer vislumbrada. Até porque a discussão se bifurca, de novo, em posições antagônicas:

"Novas tecnologias" serão capazes de gerar esse modelo compatível com a capacidade de suporte e reposição, dizem muitos, mas sem discutir ainda a eventual elevação de padrões de consumo da maioria da população mundial e sem soluções para limites já próximos ou visíveis (mudanças climáticas, desertificação, crise da água, perda da biodiversidade e dos chamados serviços naturais, etc.), e até sem explicitar que tecnologias serão essas; será preciso, em lugar disso, rediscutir a tese, hoje majoritária, de que o simples "crescimento econômico" terá o condão de resolver as dramáticas questões sociais (desemprego, fome, miséria) e ambientais.

Haverá quem diga que o caminho já foi traçado nas décadas de 1970 e 1980 com as propostas de "desenvolvimento sustentável", tão atraentes e tão difíceis de concretizar. Haverá quem proponha a "sustentabilidade progressiva e ampliada", como menciona a Agenda 21 Brasileira, lançada esta semana.

Até aqui, todas as hipóteses estão por ser provadas. As "novas tecnologias" permanecem num plano teórico e genérico - e distantes das equações sociais.

Os pactos pela sustentabilidade estão por ser construídos - e com que dificuldade, mostra a prática!

O bom senso aponta para a urgência de todo o conhecimento, toda a ciência - principalmente a econômica, tão distante dessa discussão - conferirem prioridade absoluta ao tema. Principalmente à interrogação: crescimento econômico, por si, resolve? Haverá recursos suficientes para isso, principalmente a médio e longo prazos? Se não, como se fará? É uma discussão incômoda, mas incontornável.

Talvez ajude recorrer a pensadores que, ao longo da História, colocaram no centro a ética, a metafísica (há quem proponha o "retorno ao sagrado").

Talvez console lembrar que a ciência moderna mergulha, cada vez mais, na imensidão do espaço e nos informa sobre a nossa insignificância".

Frases da Semana

"Uma ganância infecciosa parece ter tomado de assalto boa parte de nossa comunidade de negócios. Os guardiões históricos da informação financeira foram vencidos. Não é que os seres humanos se tornaram mais gananciosos, mas as avenidas de expressão da ganância cresceram de modo descontrolado".

Alan Greenspan FSP 17-7-02



Olga



A entrevistada relâmpago desta edição é...

Collinet Herédia

Olga Collinet Heredia é natural de São Felipe, Chile, e trabalha no setor 1 Ética, Cultura e Cidadania do IHU. Olga é graduada em História e Geografia, pela PUC de Santiago de Chile e Mestre em Demografia pela Universidade de Lovaina.

Um pouco de história- Meu esposo, Nestor Guimarães Heredia, era brasileiro e foi para o Chile como exilado político. Quando aconteceu o golpe militar no Chile, em 1973, fomos morar na Bélgica, onde nasceu meu filho. Nesses anos, os dois aproveitamos para fazer a pós-graduação na Universidade de Lovaina. Em 1980, viemos para o Brasil e em 84, faleceu meu esposo.

Vinda ao Brasil- Em 1980, viemos para Porto Alegre, onde conheci o Pe. Beltran. Ele me convidou para trabalhar no CEDOPE. Comecei a trabalhar na UNISINOS, no CEDOPE e dando aulas de Demografia e Sociologia da Família. Além disso, coordenei, com o Pe. Beltran, um curso de pós-graduação em Ecologia Humana, que existiu na UNISINOS até 95.

Terceira Idade- Em início de 92, a Universidade me nomeou representante da UNISINOS no Conselho Estadual do Idoso. Esse Conselho fez pesquisa em 14 universidades gaúchas sobre o perfil do idoso no RS. Desde então, me interessei por esse assunto e fiz uma série de pesquisas sobre o idoso asilado, o trabalho na terceira idade, as condições psíquicas e sociais do idoso, etc.

Autor preferido- Umberto Eco.

Livros que marcaram- *Balduino*, de Umberto Eco e *O Ócio criativo*, de Doménico de Mais.

Filme que marcou- 2001, uma odisséia no espaço.

Uma paixão- Pesquisar sobre terceira idade.

Nas horas livres- Leio ou vou ao cinema.

Momentos felizes- O nascimento de meu filho Alexandre e de meu neto Luan.

UNISINOS- Uma grande universidade em termos de espaço e conteúdo.

IHU- Uma experiência na qual vale a pena continuar investindo.

Projetos pessoais- Pretendo me aposentar em 2006 e me dedicar de cheio à pesquisa.

Um grande sonho- Poder ver a solução dos problemas de aposentadoria da população idosa no Brasil. É algo que me angustia. Ver pessoas que trabalham toda a vida e terminam submetidas quase à pobreza absoluta.

Desenvolvimento e qualidade

A Coordenação do IHU participou da reunião com Gerson Ricardo Seefeld, vice-presidente do SICREDI e com Patrícia de Fátima Motta, responsável pelos Recursos Humanos do SICREDI. A reunião foi realizada no gabinete do Prof. Vicente de Paulo Oliveira Sant'Anna, pró-reitor comunitário e de extensão, com a participação do Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas, e da profa. Hayde Maria Hupffer. O assunto em pauta foi o desenvolvimento e a qualidade do *Programa A União Faz a Vida*.

Assessoria

Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou, de 19 a 21 de julho, o encontro das Irmãs da Divina Providência, inseridas nos Meios Populares. O encontro, realizado em Porto Alegre, teve como tema: *A Conjuntura Latino-Americana e Brasileira e os Desafios para a Vida Religiosa*.

Recebemos e agradecemos

Do prof. Heraldo Campos, o artigo *Geoquímica Global: oscilações climáticas e evolução do meio ambiente desde quatro bilhões de anos*, elaborado por Yves Tardy e publicado originalmente na revista *Estudos Avançados* 11(30), 1997, p. 149-173. Yves Tardy é professor de Geoquímica da Superfície na *Université Louis Pasteur, Strasbourg, França*.

Painel sobre Rio+10 e Memória de José Lutzenberg

No dia 8 de agosto, o painel *Rio+10: Um debate em memória de José Lutzenberger*. Serão painelistas: **Jacques Saldanha**, Advogado, Agrônomo e Educador Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Porto Alegre, **Magda Renner**, Graduada em Línguas Anglo-Germânicas e Didática (UFRGS) e Membro do Núcleo dos Amigos da Terra, **Roberto Villar Belmonte**, Jornalista e Assessor de Comunicação do Programa Pró-Guaíba, Prof. Ms. **João F. Larocca e Silva**, Biólogo e professor do Centro 2. A Coordenação do painel será feita pelo Prof. Dr. **Inácio Neutzling**, Coordenador do Instituto Humanitas Unisinos. **Local:** Auditório Central. **Hora:** 20h às 22h. **Evento gratuito.**

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a
lhuinfo@poa.unisinos.br